

A aia

Eça de Queirós - Adaptação de Pedro Bandeira

Era uma vez um rei, moço e valente, que partira a batalhar por terras distantes, deixando solitária e triste a sua rainha e um filhinho, bebê ainda de berço.

A lua cheia que o vira marchar começava a minguar, quando um dos seus cavaleiros apareceu, com as armas quebradas, escurecido pelo sangue seco e pelo pó dos caminhos, trazendo a amarga nova de uma batalha perdida e da morte do rei, traspassado por sete lanças, à beira de um grande rio.

A Rainha chorou magnificamente o rei. Chorou ainda mais desoladamente o esposo, que era formoso e alegre. Mas, sobretudo, chorou ansiosamente o pai que assim deixava o filhinho desamparado, no meio de tantos inimigos da sua frágil vida e do reino que seria seu, sem um braço que o defendesse, forte pela força e forte pelo amor.

Desses inimigos, o mais assustador era seu tio, irmão bastardo do rei, homem depravado e bravio, de face mais sombria que a noite e coração mais tenebroso que a face, faminto do trono, desejando a realeza por causa de seus tesouros. Havia anos esse homem vivia num castelo sobre os montes, com uma horda de rebeldes, espreitando de cima do seu rochedo à maneira de um lobo que, de tocaia no seu covil, espera para devorar a presa. Ai! A presa agora era aquela criaturinha, um rei ainda de chupeta que dormia no seu berço com seu chocalho de ouro... Para aquele bebê ainda muitos anos lentos correriam antes que ele fosse ao menos do tamanho de uma espada.

Ao lado dele, outro menino dormia noutro berço. Mas este era um pobre menino, filho da bela e robusta aia que amamentava o príncipe. Ambos tinham nascido na mesma noite de verão. O mesmo seio os criava. Os olhos de ambos reluziam como pedras preciosas. Só o que os diferenciava eram os berços. O de um era magnífico e de marfim entre sedas ricamente bordadas, enquanto o do outro era pobre e de ripas. A leal aia, porém, a ambos cercava de carinho igual, porque, se um era o seu filho, o outro era o seu rei.

No entanto um grande temor enchia o palácio, onde agora reinava uma mulher entre mulheres. O bastardo, o homem de rapina, descera à planície com a sua horda e, já através de povoados e aldeias, ia deixando um rastro de matança e ruínas. As portas da fortaleza real tinham sido seguras com as trancas mais fortes, mas à defesa faltava disciplina viril.

Uma saia não governa como uma espada.

Desesperada, a rainha só sabia correr a cada instante ao berço do seu filhinho e chorar sobre ele sua fraqueza de viúva. Só a ama leal parecia segura, como se os braços em que estreitava seu príncipe fossem muralhas de uma fortaleza que nenhuma audácia poderia transpor.

Uma noite, noite de silêncio e de escuridão, estava a aia preparando-se para dormir entre seus dois meninos no quarto real, quando percebeu um rumor de ferro e de luta, ao longe, à entrada dos jardins reais. Escutou ansiosamente. Entre os jasmineiros, ouviu passos pesados e rudes. Depois houve um gemido, um corpo tombando molemente sobre as lajes, como um fardo. A aia abriu cautelosamente a cortina. E além, ao fundo da galeria, avistou homens, um clarão de tochas, brilhos de armas... Num relance tudo compreendeu: o palácio tinha sido surpreendido, o bastardo cruel havia chegado para roubar, para matar seu príncipe! Então, rapidamente, sem uma vacilação, sem uma dúvida, arrebatou o príncipe do seu berço de marfim e aconchegou-o no pobre berço de ripas. E, entre beijos desesperados, deitou seu próprio filho no berço real...

Bruscamente, um homem enorme, de face flamejante, com um manto negro sobre a túnica de aço, surgiu à porta da câmara. Olhou, descobriu o que queria e atirou-se para o berço de marfim. Arrancou de lá a criança, como se arranca uma bolsa de ouro, e correu de volta pelas galerias, furiosamente, abafando no manto os gritos do bebê.

O príncipe dormia no seu novo berço. A ama ficara imóvel no silêncio e na treva.

Em desespero, a rainha invadiu a câmara, gritando por seu filho! Ao avistar o berço de marfim, com as roupas desmanchadas, vazio, caiu sobre as lajes, chorando despedaçada. Então, sem uma palavra, muito lenta, muito pálida, a ama descobriu o pobre berço de ripas... O príncipe lá estava, quieto, adormecido, num sonho que o fazia sorrir e iluminava-lhe a face. A mãe caiu sobre o berço, com um suspiro, como cai um corpo morto.

Nesse instante, um novo clamor abalou a galeria de mármore. Era o capitão das guardas, sua gente fiel. O bastardo morrera! Colhido, ao fugir, entre o palácio e as muralhas, esmagado pela forte legião de arqueiros, sucumbira, ele e vinte da sua horda. Seu corpo lá ficara, atravessado por flechas, numa poça de sangue. Mas, ai! Dor sem nome! O corpinho tenro do príncipe lá ficara também, envolto num manto, já frio, roxo ainda das mãos ferozes que o tinham esganado!

Foi quando a rainha, deslumbrada, com lágrimas entre risos, ergueu nos braços o príncipe que despertava. Foi um espanto, uma aclamação. Quem o salvara? Quem?...

Lá estava, junto do berço de marfim vazio, muda e imóvel, aquela que o salvara! Fora ela que, para conservar a vida ao seu príncipe, mandara à morte seu próprio filho... Então, só então, a mãe ditosa, emergindo da sua alegria estática, abraçou apaixonadamente a mãe dolorosa, e a beijou, e lhe chamou irmã do coração... E, dentre aquela multidão que se apertava na galeria, veio uma nova, ardente aclamação, com súplicas de que fosse recompensada, magnificamente, a serva admirável que salvara o rei e o reino. Alguém sugeriu que a aia fosse levada ao tesouro real e escolhesse, dentre aquelas riquezas, todas as que seu desejo apetecesse.

A rainha tomou a mão da serva. E, sem que sua face de mármore perdesse a rigidez, com um andar de morta, como num sonho, a aia foi conduzida para a Câmara dos Tesouros. Senhores, aias, homens de armas, seguiam num respeito tão comovido que apenas se ouvia o roçar das sandálias nas lajes. As espessas portas do Tesouro rodaram lentamente. E, quando um servo destrancou as janelas, a luz da madrugada, já clara e rósea, entrando pelos gradeamentos de ferro, acendeu um maravilhoso e faiscante incêndio de ouro e pedrarias! Do chão de rocha até as sombrias abóbadas, por toda a câmara, reluziam, cintilavam, refulgiam os escudos de ouro, as armas ricamente esculpidas, os montões de diamantes, as pilhas de moedas, os longos fios de pérolas, todas as riquezas daquele reino, acumuladas durante dez séculos. Um longo ah passou por sobre a turba. E, no meio da câmara, envolta na refulgência preciosa, a aia não se movia... Apenas seus olhos, brilhantes e secos, tinham-se erguido para o céu, além das grades. Era lá, nesse céu fresco da madrugada, que estava o seu menino. Estava lá, e já o sol se erguia, e era tarde, e o seu menino na certa chorava e procurava o seu peito! Então a aia estendeu a mão. Todos seguiam, sem respirar, aquele lento mover da sua mão aberta. Que joia maravilhosa, que fio de diamantes, que punhado de rubis, ia ela escolher?

Sobre uma arca, entre um montão de armas, a aia agarrou um punhal. Era o punhal de um velho rei da Índia, todo cravejado de esmeraldas, e que valia uma província.

Com o punhal apertado fortemente na mão, apontando para o alto, encarou a rainha, a multidão, e gritou:

– Salvei o meu príncipe, e agora... vou dar de mamar ao meu filho!

E cravou o punhal no coração.